

A MULHER NO ORIENTE: *NOTAS DE VIAGEM DE EÇA DE QUEIRÓS*

Gisele de Carvalho Lacerda (UFF) ¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo sinalizar algumas das variantes substantivas anotadas a partir do cotejo de alguns dos textos que formam a tradição direta de textos das narrativas de viagens de Eça de Queirós, mais propriamente, de alguns dos que falam sobre sua viagem ao Egito. Os fragmentos aqui examinados tratam sobre a questão da mulher no oriente, sendo este primeiro publicado por Eça, em 1871, no *Almanaque das Senhoras para 1872*. Em nosso trabalho, teceremos algumas considerações sobre as variantes encontradas no cotejo entre a edição de 1946 e o texto publicado no *Almanaque das Senhoras para 1872*. O exemplar do *Almanaque*, consultado por mim, faz parte do acervo do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Palavras chave: Periódicos; Crítica textual; Século XIX; Eça de Queirós

A mulher no Oriente é um dos capítulos que compõem as notas de viagem de Eça de Queirós, tal nota é um estudo minucioso sobre o tema, contrastando-o com a cultura e a veneração da mulher no Ocidente.

As notas de viagem de Eça de Queirós não foram, ao que indica, escritas com a finalidade de publicação. Trata-se mais de um reflexo das primeiras impressões do escritor que pretendia registrar todos os momentos vividos em sua viagem ao Egito, Palestina e Alta Síria, iniciada em outubro de 1869, em companhia do Conde de Rezende, por ocasião da inauguração do Canal de Suez.

Apresentam o jovem Eça, contando pouco mais de 23 anos e ainda sem o prestígio que o consagrou como escritor. Estes “dias cheios de excitação poética, intensos, movimentados, estimulantes e fecundos”, (QUEIRÓS, 1946, p.8) como bem define seu filho, José Maria D’Eça de Queirós foram compilados em volume e publicados postumamente. A decifração do manuscrito, já encontrado sem algumas partes, foi feita por José Maria, já citado, e seu irmão Alberto.

Caracterizadas como uma lenta e penosa decifração, foi necessária a ajuda de mapas e vários livros sobre o Oriente, que ajudassem na decifração de termos árabes; um trabalho penoso, que levou meses.

¹ Graduada em Letras (UCB), Mestre em Literatura Portuguesa (UFF). Contato: giclacerda@gmail.com

O passaporte do romancista facilitou a organização dos capítulos desta viagem. Contam desde a saída de Lisboa em outubro de 1869 e os lugares aos quais visitou: Alexandria, Cádiz, Gibraltar e Malta, Cairo, Heliópolis, Palestina e Alta Síria.

O conhecimento dessa leitura, compilada e publicada com o título de *O Egito: Notas de Viagem* foi relevante na altura em que José Maria buscava desmitificar alguns ditos a respeito de seu pai, como por exemplo o fato de considerarem que Eça de Queirós era um escritor lento e produzia pouco, sendo este pouco concebido com esforço. Primou, deste modo, em demonstrar o talento de um “verdadeiro escritor nato, este rapaz (...) sente a necessidade instintiva de comunicar ao papel as sensações que recebe do mundo exterior e os pensamentos que elas lhe sugerem”. (QUEIRÓZ, 1946, p.15)

Pensamentos estes que tiveram o seu esboço aproveitado na elaboração de alguns dos futuros romances do escritor. São exemplos: *O Mistério da Estrada de Sintra*, *A Relíquia* e *A Correspondência de Fradique Mendes*. Parte desta nota sobre a mulher no Oriente foi publicada em 1871 no *Almanaque das Senhoras para 1872*.

Quanto a natureza deste, como é característica dos almanaques da época, possui um conteúdo híbrido, em que encontramos, além da contribuição de escritores prestigiados no mundo das Letras e Artes, dentre estes: Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós;

A natureza do *Almanaque das Senhoras* é híbrida, característica bem comum dos Almanques que circulavam nesse período. Os feriados, fases da lua e marés, dias de gala, dias de pequena gala, calendário brasileiro com meses e dias próprios, computos eclesiásticos/temporais, festas móveis e bênçãos matrimoniais, se intercalam com poemas escritos por leitores - aparentemente sem grande relevância nas letras portuguesas – e dedicados aos seus queridos. (Como é exemplo um poema encontrado cujo título é “À minha amiga Julia Ribeiro”, escrito por D. Amélia Jenny. Outro exemplo é o poema À minha amiga a E^{ma} Sra D. Maria Joanna d’Almeida, escrito por D. Maria Adelaide Fernandes Prata).

Apresento o texto do *Almanaque das Senhoras para 1872*, publicado por Eça de Queirós com o título de *Fragmento do Cairo a Jerusalém*.

O capítulo do romance intitulado *A mulher no Oriente*, edição de 1946 é um estudo sobre a cultura árabe e o modo como estas são tratadas em oposição ao trato no Ocidente da mulher europeia, com especial destaque para as mulheres portuguesas.

A edição de 1946 utilizada para o cotejo é uma 5ª edição da Lello & Irmão Editores, faz parte do acervo da Biblioteca da Universidade Federal Fluminense e o capítulo em questão conta de 17 páginas.

Para fins de comparação com o texto do *Almanaque das Senhoras*, apresento um resumo da fluidez do texto das notas queirosianas.

Eça começa as suas notas observando os arredores das ruas do Cairo à noite: escuras, silenciosas e lúgubres, ao sair da ópera. Percebe então que o motivo de se encontrar assim, com poucas pessoas e apenas alguns cães latindo miseravelmente se dá porque toda a população teria se recolhido em seus haréns.

Não lhe sendo permitido adentrar o Harém, movido pela curiosidade e também pela observação da cultura que estava vivenciando, o texto começa a fluir à medida em que o autor começa a imaginar possíveis respostas aos seus questionamentos:

“Não se estará ali cosendo num saco uma escrava infiel, para a arremessar ao Nilo? (...) Que pensamento contém aqueles cérebros? Que instintos os dominam? Que fórmulas, que diálogos, que atitudes, que imagens tem ali o Amor? (...)”
(QUEIRÓZ, 1946, p.124)

Nas linhas que se seguem, publicadas integralmente no *Almanaque das Senhoras*, talvez uma intervenção de José Maria para emendar os fragmentos das notas que tinha em mãos, Eça questiona o porquê de o árabe nunca citar o nome da mulher, ainda não sabendo se o faz pelo fato de considerá-la sagrada, íntima, algo discreto ou por ser a mulher uma “coisa humilhante”. (QUEIRÓZ, 1946, p.125)

Acredita que um árabe em contato com a cultura e a mulher europeia compreenderia a “imbecilidade” e “miséria” de seu harém por ser a mulher árabe “inútil, material, estúpida, física, simples adorno de carne”. (QUEIRÓZ, 1946, p.125)

Compreende, em um segundo momento, que um árabe muçulmano despreza soberbamente não só a cultura europeia, mas também as mulheres, que com seus decotes

e mostrando o rosto, riem e falam agitando o leque. Tais atitudes são consideradas impudicas por eles.

Eça acredita que a mulher é o ponto de fraqueza do árabe, a mulher domina e impõe-lhes vícios e o cavaleiro digno e altivo transforma-se em indolente, passando a amar a imobilidade, o tabaco e a escravidão.

Afirma que a mulher é responsável pelo pecado do Alcorão, fazendo da civilização árabe uma civilização fraca. Até mesmo Maomé teria sua maravilhosa obra infecunda pelas condescendências que a mulher teria introduzido. A mulher sendo imperfeita e perigosa, se opõe à essência do homem árabe: “imaginoso, viril e justo” (QUEIRÓZ, 1946, p. 126).

Tal oposição seria a razão pela qual a mulher não pode ser a companheira deste homem, nem confidente, não tomando parte nas refeições e por fim, sendo rejeitada do ato mais sublime da vida muçulmana que é a oração.

Apesar de enchê-las de adornos caros, não é permitido ao homem nutrir-lhes nenhuma estima e para proteger-se, o homem árabe as cerca de humilhações e ao considerar a sua natureza animal, justifica-se o seu encarceramento e a presença constante de eunucos ao seu lado, nunca sendo vista sozinha: seja na casa de banho, seja em passeios a cavalo.

Porém, a presença da mulher é indispensável para estes, mesmo o Alcorão amaldiçoando aqueles que dizem que os Anjos têm forma de mulher. Sua companhia torna-se vital para os príncipes prisioneiros em guerra ou para largas viagens.

A conclusão do texto do *Almanaque das Senhoras* para 1872 se dá em tom irônico, quando Eça de Queirós declara que os muçulmanos árabes atribuem paraíso perpétuo à suas mulheres, após sua morte: não por merecimento, mas para que sejam criadas de uma estalagem ou de um khaw, com a única finalidade de os receberem e lhes fazerem cortejo.

O exemplar deste periódico, registrado *Almanach das Senhoras para 1872* por D. Guiomar Torrezão. Lisboa, typographia de Souza e Filho, 1871; foi encontrado no acervo da Biblioteca Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, cota 36N6.

Segue abaixo a transcrição do mesmo, mantendo a grafia e a disposição da página, tal qual é encontrada no *Almanaque das Senhoras*.

Fragmento do Cairo a Jerusalem

Inedito

.....

O arabe nunca fala na mulher; será para elle a cousa sagrada, intima ou discreta? ou é simplesmente a cousa humilhante? Aquelle silencio é respeito ou é desdém? Sei de arabes que despresam o seu harem, que ao contacto com os nossos hábitos, das nossas ideas e da nossa critica, com a presença da mulher europeia, compreendem o vasio, a imbecilidade e a miséria do harem; e veem quanto as mulheres árabes são inúteis, materiaes, estupidas e phisicas, adornos de carne. Esses despresam o harem. No entanto, o sentimento geral não é este: o arabe e o muçulmano, que despresa as nossas idéas, os nossos costumes, a nossa architectura, o nosso Christo, os nossos vestuarios e o nosso tabaco, **despreza**² soberbamente as nossas mulheres. Uma europeia, rindo, falando, decotada, mostrando o rosto, agitando o leque, flexivel, nervosa, é para eles uma cousa grotesca, impudica, ridícula até; pode-o fazer rir como um histrião, mas enche-o de tedio como uma imundície.

Supponho que o arabe evita fallar das mulheres por um sentimento de intima reserva, de pudor sensível, de áspera delicadeza. Supponho mesmo que evita falar n'ellas como a sua grande fraqueza; porque é uma fraqueza. O arabe é honrado, activo, digno, nada é capaz de o domar, de o captivar, é o perpetuo cavaleiro, nomade nas tendas, especulador dos bazares, a sua dignidade é sempre a mesma, profunda, aparatosa e grave. Tem uma fraqueza apenas: a mulher: a mulher subjuga-o, dá-lhe vícios: por ella ama a indolência, ama o tabaco, ama a imobilidade, ama até a escravidão. É pela influencia da mulher que a civilização arabe é fraca e fluctuante; é por ella que o alcorão pecca; foi ella que introduziu na vida de Mahomet as condescencias que tornarão infecunda a sua obra maravilhosa! A mulher é a chaga do Oriente.

² Na transcrição do texto do Almanaque, respeitando a grafia vigente, desprezar aparece com S, porém nesta linha o verbo é apresentado com z.

O arabe inteligente, imaginoso, viril e justo, conhece quanto a mulher arabe é imperfeita e perigosa; não a aceita como uma companheira, não faz a ella sua confidente; não a estima: raras vezes vem comer em companhia d'ella; não a admite ao acto mais sublime da vida de um muçulmano, á oração; exclue-a da mesquita; da escola, quasi do pensamento; dá-lhe joias, vestidos, mas bane-a do seu coração e da sua consciencia. O que daria a um amigo, nunca o diria a uma mulher. Atribue-lhe todos os vícios; cerca-a de humilhações; julga-a em revolta perpetua; considera-a como um ser cheio de instinctos animaes, que é impossivel transformar, e por consequencia que é necessario encarcerar; para isso cerca-a de muralhas, de enucos, em casa, no banho, na rua se vae a pé, em redor do burro se vae a cavalo, se vae n'uma carruagem ao lado

do cocheiro na almofada. O alcorão amaldiçoa aquelles que dizem que os anjos tem forma de mulher!

E no entanto, a sua preocupação, o seu interesse mais vivo, a sua miséria é a mulher! Não a pode deixar um momento: considera-a como a cousa indispensável. Os príncipes prisioneiros podem levar consigo as mulheres: levam- n'as para a guerra; levam- n'as para as largas viagens, e quando ellas morrem atribuem-lhes paraizo muçulmano; não para as recompensas; mas como criadas de uma estalagem, ou de um Khaw, para os receberem e para lhes fazerem cortejo.

Eça de Queiroz

O fragmento apresentado conclui o que foi publicado no periódico de 1871, porém em suas notas, Eça prossegue o estudo sobre o tema, refletindo sobre algumas questões de grande interesse para aqueles que desconhecem a cultura local, como por exemplo, fatos relacionados a vida íntima dos árabes, informação que, segundo o autor, teria conseguido de um armênio –secretário de nubar pachá que viveu em Constantinopla, Asia Menor, na Síria, na Anatólia, o que o fazia grande compreendedor do mundo oriental e seus “vícios ocultos” – que ele conheceu. (QUEIRÓZ, 1946, p.126)

Eça começa a desmitificar a compreensão da poligamia no Oriente de acordo com os padrões ocidentais. Geralmente atribui-se a questão da poligamia a uma necessidade em função do clima, de modo a fluir uma harmonia natural.

O tom que o texto passa a adquirir então mostra um Eça mais conciliador do que o que expressou no Almanaque das Senhoras, onde apresenta cruelmente a realidade dos haréns:

“A poligamia foi de todos os tempos uma necessidade de harmonia social. (...) O estado de guerra entre as tribos isola o homem de todo auxílio, de toda a amizade, de toda comunicação de interesses. (...) o grande interesse do árabe nômade é ganhar auxiliares: a maneira mais natural de o conseguir é o casamento (...) A mulher é o auxílio, o pacto, o tratado” (QUEIRÓZ, 1946, p.129)

Nestes termos, a mulher se transforma em um elemento necessário à pacificação entre dois inimigos: para que a paz seja firmada entre ambos, celebra-se o casamento entre as famílias.

Considerando o momento em que vivencia em ares Orientais, Eça defende a ideia de que a poligamia em breve se extinguirá, transformando-se na monogamia, tal como é conhecida no Ocidente.

A substituição das habituais tendas –outrora no deserto, por casas de pedra – a formação das ruas e das cidades – típicos da evolução natural da civilização árabe – não mudou o modo isolado do homem árabe que precisa de “auxiliares em volta de si para as ásperas lutas da vida”. (QUEIRÓZ, 1946, p.130)

A mulher tem a função de protegê-los e é o que acontece nas altas famílias e entre os camponeses, sendo esta a verdadeira origem da poligamia. Acredita, contudo, que a poligamia estaria em decadência em virtude do enfraquecimento da riqueza turca e as exigências da vida moderna; posto que cada mulher tem direito a uma casa separada e aos luxos devidos, entre estes: escravas, jóias, banhos particulares, eunucos e proporção na fortuna do marido.

A influência do Oriente no Ocidente acontece quando os Pachás são influenciados por Londres e Paris, tendenciosos a imitar os costumes, tornam-se monogâmicos. O mesmo acontece a suas filhas, educadas no Sacré Coeur ou nos conventos de Londres, transformadas em “misses árabes” exigem como condição de casamento que elas sejam as únicas mulheres. (QUEIRÓZ, 1946, p.132)

Há também o caso de casamentos feitos por Pachás com mulheres cristãs, não levando companheiras. Tais modificações nos costumes transformou os Haréns que ainda existem no Cairo, Damasco, Palestina e Constantinopla em lugares fastigosos, totalmente

diferente do imaginário ocidental que o idealiza como um lugar delicado, voluptuoso e poético.

Sobre o amor no Ocidente, Eça considera que este apenas existiu quando as mulheres tinham liberdade para andar descobertas, sendo confidentes e amigas.

Eram celebradas nos poemas cujo conteúdo geralmente era a exaltação do amor, uma paisagem do deserto e uma exaltação do cavalo. Neste contexto, a mulher ainda era uma presença viva de Deus, uma graça infinita: “Na amante amava-se o amor”. (QUEIRÓZ, 1946, p.133)

Este amor poético, segundo Eça em suas observações sobre o tema, se transformou em um amor decrépito cujos fins eram lucrativos e esta escassez de razões para que o amor exista, e essas origens estão principalmente na imaginação da literatura, do catolicismo e da influência da natureza e delicadeza das relações da vida.

No Oriente, a literatura não existe, os poemas só celebram as guerras e façanhas da vida errante. Deste modo, a mulher torna-se um “objeto inerte, procriador e animal”. (QUEIRÓZ, 1946, p.134)

O amor se torna compatível ao desprezo, o homem passa a desprezar a mulher, e esta por não ter uma existência ativa, simplesmente aceita. Para mostrar que o amor é algo sem importância nestes povos norteados pelas guerras e conflitos, conta a história de Maomé IV que ao ter seu harém cercado por viver ali de amores, desprezando a guerra e a glória, mostra sua lealdade a estes mandando degolarem sua escrava síria e mostrando nas mãos sua cabeça gotejada de sangue, demonstra a todos o caso que faz do amor.

Se tratando de amor em mundos árabes, este se torna brutal, apenas uma atração epidérmica, mesmo o sentimento de beleza do árabe é diferente do europeu, que pode ser identificado na oposição entre a mulher magra, delicada e delgada e de andar leve, muito comum na Europa, e as formas volumosas e voluptuosas da mulher árabe.

Outra característica do árabe é a sua imobilidade: assim como o deserto, nos diz Eça, prefere tudo o que é imóvel, daí a preferência pela calma do harém, não sendo necessário desejar, querer, esperar ou duvidar.

O casamento se dá por conveniência, não por simpatia. O noivo não conhece a noiva e há mulheres separadas para tal função de unir os casais. Estas, adentrando o harém e sabendo todas as informações físicas e o dote das moças, apenas a descrevem para os

rapazes em idade de casar, uma descrição minuciosa, repetindo os mesmos detalhes dos rapazes para as moças.

A facilidade do divórcio no mundo árabe se dá no dia do casamento em que se depois de tirar o véu da noiva, esta não agrada ao noivo, este pode divorciar-se ao fim de quatro semanas, bastando para isso dizer diante de testemunhas: “Estou divorciado”. (QUEIRÓZ, 1946, p. 139)

Cria-se um novo conceito e o casamento se torna lucrativo e conveniente para ambos os lados: Homens ricos que mudam de mulher todos os meses e mulheres que fazem profissão de casar.

Depois de divorciadas, levam o dote, conversam com as casamenteiras e logo alcançam novo marido e novo dote, assim se repetindo por muitas vezes.

O fim deste negócio lucrativo que é o casório, é apresentado nas linhas finais em uma conclusão bastante irônica da parte do autor: com o capital acumulado em jóias, as mulheres retiram-se para o harém “ a gozar as economias feitas com cinquenta maridos”. (QUEIRÓZ, 1946, p.139)

Referências bibliográficas:

TORREZÃO, Guiomar. *Almanach das Senhoras para 1872*. Lisboa: Typografia de Souza e Filho, 1871.

QUEIRÓZ; Eça de. *O Egipto: Notas de Viagem*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1946.